



## **O PODER SIMBÓLICO DA RELIGIÃO.**

ENSAIO SOBRE A DIALÉTICA DA EXCLUSÃO E INCLUSÃO SOCIAL DE GÊNERO NOS ESPAÇOS SAGRADOS DA IGREJA CATÓLICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO.

José Carlos Pereira

O tema da religião tem despertado crescente interesse entre pesquisadores de diversas áreas de pesquisas, principalmente das Ciências Sociais. No entanto, a temática ainda não é suficientemente investigada na dimensão da religião como elemento que possibilita a inclusão social. Com esta preocupação, mergulhamos nesta pesquisa no mundo social do catolicismo tradicional urbano, buscando desvendar na trama intersubjetiva da dialética exclusão/inclusão social, a religião como possibilidade de reintegração da pessoa

consigo mesma e com a sociedade. A presente pesquisa pretende ser uma contribuição ao tema através do estudo da relação conflituosa de gênero nos meandros da estrutura eclesial Católica, buscando evidenciar este mundo de relações sociais que se escondem nos “espaço sagrados”.

Segundo expressão de Pierre Bourdieu, confirmamos que “não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada” (BOURDIEU,1997:15). É o que procuramos delinear, no transcorrer desta pesquisa, sobre o poder simbólico da religião. Mergulhamos na particularidade, muitas vezes oculta, do universo religioso das pessoas, maioria mulheres, que tiveram um melhor convívio social depois de sua inclusão na comunidade religiosa, tornando visível uma realidade invisível. Nos meandros da prática da religião, as vezes silenciosa e ao mesmo tempo conflituosa, que buscaremos demonstrar o *poder simbólico*<sup>1</sup> contido na mesma. Poder de mutação de realidades pessoais e sociais, antes inimagináveis de transformação por este meio.

O termo “poder simbólico” foi amplamente utilizado por Pierre Bourdieu. Segundo ele, “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, <<uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências>>” (BOURDIEU,1998: 8). A partir desta concepção, abordaremos neste trabalho, o poder simbólico da Religião na trajetória das pessoas, como meio de inclusão social, enfatizando o aspecto de gênero. Esta abordagem, feita nos espaços de *relações sociais fechadas*<sup>2</sup> da associação com características “*hierocráticas*”<sup>3</sup> (WEBER,

---

<sup>1</sup> “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem”. Cf. Pierre BOURDIEU. O Poder Simbólico, p 7-8.

<sup>2</sup> Segundo Max WEBER, “a relação será chamada de ‘fechada’ ao exterior (...), sempre e quando devido ao sentido da ação e as regulamentações que a regem, a participação de certas pessoas for excluída, limitada, ou sujeita a condições”. Cf. Max WEBER. *Conceitos básicos de sociologia.*, p. 83. WEBER afirma que, “o fechamento relacionado ao valor é geralmente característico de um grupo que compartilha um sistema de crenças religiosas comuns”. Cf. op.cit, p.85. Nesta concepção weberiana, a Igreja Católica se enquadra aos padrões de uma relação social fechada.

<sup>3</sup> “A associação de dominação será chamada de ‘hierocrático’, se e na medida em que, empregar, para manter sua autoridade, a ‘coerção psíquica’ por meio da concessão ou não de benefícios religiosos (‘coerção hierocrática’). Uma associação hierocrática compulsória com uma organização contínua será conhecida como uma ‘Igreja’ (...). Cf. Max WEBER, *Conceitos básicos de Sociologia*, 2º ed., Centauro, 2002, p. 109. No caso deste trabalho, referimos a Igreja Católica.

2002:109) de alguns templos de São Paulo, da Igreja católica, possibilitou-nos perceber a força oculta que a religião exerce na vida das pessoas.

Quando falamos de poder simbólico, de quê “poder” estamos falando? Falamos de diferentes formas de poder. Entre eles o poder da religião enquanto sistema simbólico do qual deriva uma estrutura que possibilita as “funções sociais” como a de incluir e excluir membros. Falamos de um *poder*<sup>4</sup> exercido pela religião católica que, ao longo da história, segundo Michelle Perrot, fez parte, juntamente com o poder militar e político dos três bastiões masculinos (PERROT, 1998:), mas que vem, paulatinamente, entre lutas e resistências, sendo conquistado pelas mulheres, o que contribui para despontar os deslocamentos das fronteiras entre masculino e feminino existente no universo religioso do catolicismo.

O mapeamento da conquista (dialética) deste espaço de poder, pelas mulheres que foram excluídas da sua história, é um dos objetivos de nossa pesquisa. Pretendemos fazer uma abordagem da Religião como um dos sistemas simbólicos de integração na sociedade, evidenciando o processo de ocupação das mulheres desta área dominada pela presença masculina. Esta pesquisa pretende apontar a inserção e prática religiosa das mesmas no interior da religião católica, como um meio e possibilidade de inclusão social.

Penso que a investigação social do tema que aqui propomos, acerca do poder simbólico da Religião Católica no processo de integração da mulher na sociedade, focalizando à prática religiosa da mesma como meio de formação de comunidade e possibilidade de inclusão, está no coração de uma pesquisa que se inscreve na compreensão global da história das mulheres no processo de conquista do reconhecimento de seu lugar na sociedade, de um modo particular no espaço religioso, como agente ativo.

Por que pesquisar sobre a dialética da exclusão e inclusão da mulher a partir do *focus* da religião? Porque a Religião pertence ao humano e a sociedade e, como afirma Durkheim, é um fato social e deve ser analisada como tal. Justifica-se a pesquisa da Religião no âmbito das Ciências Sociais porque em qualquer sociedade, ela define o comportamento, a maneira de ser e agir das pessoas. A busca da Religião evidencia uma busca de afirmação da identidade e de significado para a vida social. A religião contribui

---

<sup>4</sup> “Entenda-se por poder a oportunidade existente dentro de uma relação social que permite a alguém impor a sua própria vontade mesmo contra a resistência e independentemente da base na qual esta oportunidade se fundamente”. Cf. Max WEBER, op.cit., cap. 16, p. 107.

para dar sentido à existência num mundo marcado pelo processo de *desencantamento*, fruto da secularização que dissolve o pensamento mágico.

Nas situações em que a vida mais parece ameaçada, que são os momentos de doença, tragédias, desemprego que contribuem para a exclusão social, a busca ou o apelo religioso torna-se mais forte. Com a prática religiosa, ou a experiência do sagrado, as coisas ou situações que compõem a sociedade e a vida humana, tornam-se mais plena de significados simbólicos. A Religião ajuda a recompor estes “sistemas simbólicos” que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Segundo Pierre Bourdieu, a Religião, juntamente com a arte, a língua, fazem parte como “*estrutura estruturante*” desse sistema. São “instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como *formas simbólicas*” (BOURDIEU, 1998:8), . Segundo ele, “*os sistemas simbólicos*, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. A Religião, como *estrutura estruturante*, exerce um poder sobre as pessoas porque comporta símbolos estruturados e, segundo Bourdieu, “os símbolos são instrumentos por excelência da *integração social* (BOURDIEU,1998:10). Portanto, a Religião enquanto conjunto de símbolos estruturados, tem poder de integração social, ou seja, tem a função de integrar, incluir o indivíduo num determinado grupo social ou na sociedade de uma maneira geral.

A Religião, segundo Durkheim, por ser um fato social, emerge do social e é, portanto, signo do social<sup>5</sup> (SANCHIS, 1997:20). Possui um aspecto “mágico”, apontando assim, para algo que vai além dos rituais e da magia. Ela possui um poder simbólico que, segundo H. Desroche, “não é somente um sistema de idéias, é antes de tudo um sistema de forças”<sup>6</sup>(DESROCHE, 1969:74). Afirma ele que um dos aspectos importantes da Religião, ou da prática religiosa, na vida das pessoas, é porque a mesma ajuda a vencer as dificuldades, fortalecendo-as para enfrentar o sofrimento ou as causas do sofrimento. Tomamos aqui a liberdade de parafraseá-lo, contextualizando um de seus textos em que faz tal afirmação. Diz ele que “a pessoa que vive religiosamente não é somente a pessoa que se representa o mundo tal ou tal maneira, que sabe o que outras ignoram; é antes de tudo uma

<sup>5</sup> Cf. Pierre SANCHIS. “*Ainda Durkheim, ainda a Religião*”; in: Francisco Cartaxo ROLIM (Org.), *A Religião numa Sociedade em Transformação*, Vozes, Petrópolis, 1997, p.20.

<sup>6</sup> H. DESROCHE. “*Le sentiment religieux à l’heure actuelle*, in; *Archives de Sociologia des Religions*, 27, 1969, p. 74.

pessoa que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não sente em si mesma quando não se encontra em estado religioso. A vida religiosa implica a existência de forças muito particulares. Não posso pensar em descrevê-las aqui. Direi simplesmente que são as forças que levantam montanhas. Entendo com isso que, quando a pessoa vive da vida religiosa, ela pensa participar de uma força que a domina mas que, ao mesmo tempo, a sustenta e a eleva acima de si própria. Apoiado nela, parece-lhe que pode enfrentar as dificuldades da existência, que pode até dobrar a natureza e seus desígnios”<sup>7</sup> (SANCHIS, 1997:15)

Nesta linha de pensamento, lembramos a afirmação de Durkheim, de que a prática religiosa confere as pessoas, “poderes que agem como se fossem reais e determinam a conduta das pessoas com a mesma necessidade de forças físicas” (DURKHEIM, 1968:326). Com isso podemos intuir que ela tem poder de “transformar” a vida das pessoas.

O poder religioso que aqui referimos, dá-se, geralmente, em lugares particulares bem determinados e se expande na dimensão social. Geralmente estes espaços são as igrejas (paróquias, Capelas, Comunidades de Base ou Santuários, etc.) onde objetiva-se a força religiosa que, segundo Durkheim, esta centrada no “sentimento que a coletividade inspira em seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam, e objetivado. Para objetivar-se, ele se fixa sobre um objeto, que se torna sagrado”(DURKHEIM, 1968:237). Estes objetos podem ser as atividades desenvolvidas, os papéis desempenhados nas irmandades ou equipes, as devoções aos objetos litúrgicos ou santos ou alguma outra imagem ou ícone sagrado, como por exemplo, a própria cruz, que emana um poder simbólico indescritível. Todas estas imagens ou objetos são símbolos de poder. Um poder, como afirma Pierre Sanchis, de “simbolizar... fazer dizer às coisas outra coisa além do que elas são, fazer falar ao mundo” (SANCHIS, 1997:16).

Assim sendo, esse trabalho quer demonstrar, a partir da relação conflituosa de gênero na igreja católica, a contribuição que a religião oferece para a formação da identidade, da solidariedade comunitária e a possibilidade de inclusão social. Apontamos aqui alguns aspectos em torno desta relação conflituosa no catolicismo.

---

<sup>7</sup> Cf. Pierre SANCHIS. “*Ainda Durkheim, ainda a religião*”. In; Francisco Cartaxo ROLIM (Org.), *A religião numa sociedade em transformação*. Vozes, 1997. O texto original é de H. DESROCHE e traz a referência no masculino (o homem), no sentido da humanidade. Traduzimos aqui para a realidade da pessoa porque o referencial engloba também a mulher e não só homem.

A dialética “exclusão e inclusão social” se torna evidente nesse processo de conquista deste “espaço público” mas, na prática, bem antes do século XIX, está reservado aos homens. Jean Lebrun confirma que na realidade da sociedade francesa, até meados do século XIX, as mulheres de certa condição social encontravam como espaço de sociabilidade, além dos grandes magazines e salão de chá, a Igreja. Mas as mulheres das classes populares não tinham esse acesso, sobrando-lhe a rua, o mercado e a lavanderia (PERROT, 1998:38). Portanto, aponta-se que, com o passar dos anos, a Igreja Católica, através das atitudes filantrópicas (doações), dos trabalhos voluntários ou da prática da devoção popular, abriu-se uma porta de acesso neste espaço povoado por homens, para as mulheres em geral. Não só as de classes abastadas, mas também as de classes populares. Acenou-se para a possibilidade de conquista do ‘espaço sagrado’ pelas mulheres, inclusive as classes desfavorecidas, a partir das funções desempenhadas nestes espaços. Mulheres que, como afirma Michelle Perrot, “são também os agentes secretos da transmissão religiosa” (PERROT, 1998:110). Transmissão que vem se dando através das diversas práticas no seio da igreja, tidas como marginais, mas que contribui para inseri-las, a partir das bases, numa estrutura milenar, marcada pela domínio masculino.

Acreditamos ser importante destacar que estas atitudes manifestadas nas práticas religiosas, não são atos de alienação, ignorância ou masoquismo, mas possui um “sistema de significados” na vida destas mulheres, tendo entre outros, a função de resgatar a identidade religiosa, integrando-as à Sociedade. Estes atos, como tivemos possibilidade de conferir nas entrevistas, confere-lhes esperança e um novo sentido para a vida. Possibilita a sua humanização e aceitação num mundo contemporâneo, marcado pela exclusão no domínio do sagrado. Isso se dá, segundo Pierre Bourdieu, através da relação de trocas simbólicas entre a pessoa e a Religião por ela praticada. No caso de nossa pesquisa vamos procurar delinear estas “trocas” feita pelas mulheres, na prática do catolicismo, resgatando o poder simbólico deste segmento da Religião Católica. Uma vez que foi negado o acesso aos ministérios ou ritos oficiais da Igreja católica, meios alternativos se buscou para ingressar neste “espaço sagrado”.

Em outras pesquisas (PEREIRA, 2001) descobrimos que, no âmbito destas práticas religiosas, tidas como “devoções marginais” porque são praticadas por pessoas que são “marginalizadas”, ou porque exercitam rituais religiosos que estão “à margem” da

liturgia oficial, pode-se estudar a trama intersubjetiva desta dialética de exclusão e inclusão social<sup>8</sup> das mulheres e dar ênfase na análise de aspectos como a auto-aceitação e a afetividade manifestada através das práticas religiosas, elementos importante para a inclusão social. É possível também pesquisar a identidade, o sentimento de pertença que estas manifestações religiosas desenvolvem no indivíduo. Pertença a um determinado clã, grupo ou classe social. Além disso é possível focalizar outros fatos que estas práticas religiosas revelam, como, por exemplo, os fenômenos da saúde e doença”<sup>9</sup> que são evidenciados no seguimento da Religião, através dos rituais, das promessas, votos e ex-votos, etc .

Nos espaços mapeados em prévias desta pesquisa, descobrimos que mulheres de meia idade, na sua maioria pobres, portadoras de problemas de saúde e com dificuldades afetivas, são as que mais procuram os “espaços sagrados”<sup>10</sup> que prometem milagres. Ali elas encontram, por intermédio da fé, manifestada através de rituais religiosos<sup>11</sup>, respostas para o seu sofrimento. O “ambiente sagrado” recria nestas mulheres sofredoras uma extraordinária resistência diante dos sofrimentos e tribulações, proporcionando-lhes um sentimento de paz que impede o desespero, mesmo nas situações mais difíceis da vida. Diferentemente das igrejas tradicionais dos grandes centros urbanos onde as características dos freqüentadores são outras, mas com objetivos similares.

Acreditamos que o tema aqui proposto se justifica pela análise das Ciências Sociais, não só porque tem esta função que é a de livrar o ser humano de suas angústias existenciais, mas porque a Religião desempenha funções sociais em todas as classes, como afirma Pierre Bourdieu:

“Se há funções sociais da religião e, em conseqüência, a religião é passível de análise sociológica, é porque os leigos não esperam dela (ou não somente dela) justificativas de

---

<sup>8</sup> Cf. Linhas de pesquisas em Psicologia Social, núcleo história da psicologia, PUC-SP.

<sup>9</sup> Cf. Idem.

<sup>10</sup> Espaço sagrado é um conceito de Mircea ELIADE, trabalhado por Zeny ROSENDHAL em sua tese de doutorado sobre “O Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense”, USP, 1995. Sobre estes dados aqui enunciados, cf também, José Carlos PEREIRA, op.cit.

<sup>11</sup> Entenda-se aqui por rituais religiosos as promessas, votos e ex-votos; as práticas penitenciais; os pedidos e cartas direcionadas aos santos; as orações e tantos outros gestos simbólicos não tão fáceis de aqui descrevê-los.

existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e do sentimento de abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas também, e sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social”.  
(BOURDIEU, 1992:86)

Segundo Pedro A. Ribeiro de Oliveira, ela “fornece justificações para a existência humana dentro de uma posição socialmente determinada, conforme os atributos do grupo ou classe a qual o indivíduo pertence”.(OLIVEIRA, 1997:113) No caso de nossa pesquisa, atributos dos grupos ou classes sociais às quais pertencem estas mulheres que freqüentam os “espaços sagrados” da religião católica de um grande centro urbano que é a região Sé de São Paulo.

Para fundamentar esta pesquisa será necessário retomarmos conceitos fundamentais alicerçados por Émile Durkheim em “*As Formas elementares de Vida Religiosa*”, onde ele pesquisa religiões primitivas de tribos da Austrália com o “objetivo de explicar uma realidade atual, próxima de nós, por conseguinte, capaz de tocar nossas idéias e nossos atos” (DURKHEIM, 1989:29). É este também parte do processo de pesquisa de nosso projeto, ou seja, estudar as formas de manifestação religiosa do catolicismo, num espaço específico, visando re-descobrir elementos que auxiliem na compreensão dos atos de natureza religiosa das pessoas, de um modo particular, das mulheres, levando em consideração a própria afirmação de Durkheim de que “os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, quer individual, quer social” (DURKHEIM, 1989:30). Os inúmeros rituais presentes na igreja católica, como por exemplo, os ritos sacramentais, as práticas de sacrifícios (PEREIRA, 2001) e os ritos penitenciais, presentes na “*troca simbólica*” dos votos e ex-votos e em outros atos similares, não deixam de apontar para necessidades internas do ser humano manifestadas nestes atos externos. Descobrir as razões que levam à alguma destas práticas religiosas é também papel da pesquisa que aqui propomos. Acentuamos, de um modo especial, os ritos sacramentais como meio de inclusão social.

Por que acentuar os ritos sacramentais como meio de evidenciar a dialética da exclusão e inclusão social das pessoas, principalmente as mulheres na Igreja Católica e não outros rituais da mesma religião ou de uma outra não menos importante do ponto de vista social? É, em parte, Durkheim quem nos ajuda a responder este questionamento e justificar a pesquisa nesta dimensão<sup>12</sup>. Primeiro, porque já iniciamos uma pesquisa nesta área (PEREIRA, 2001) e ela revelou-nos um universo maior que merece um aprofundamento das investigações de gênero no âmbito da religião católica. É um campo de pesquisa que requer a re-leitura e o resgate histórico dos espaços das mulheres na Igreja Católica como parte da dialética de exclusão e inclusão social. Em segundo lugar, e agora reproduzindo a justificativa *durkheimiana* do papel das Religiões nas sociedades, “porque ela responde às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto, podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa, e por conseguinte, para resolver o problema que desejamos tratar” (PEREIRA, 2001:31); o problema da Religião como sistema simbólico de integração social do indivíduo à Sociedade, resgatando a identidade e formando solidariedade comunitária.

---

<sup>12</sup> DURKHEIM afirma “que no fundo não há religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferentes, a determinadas condições da vida humana [...] todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente seres vivos”. Cf. Op.cit., p. 31. Segundo ele, escolheu a religião primitiva das tribos da Austrália por questão de método de pesquisa. Cf. idem.